

CÉLIA GOUVÊA E MAURICE VANEAU, LEITURAS PARA A DANÇA BRASILEIRA*

Flávia Fontes Oliveira

Em 1974, a bailarina e coreógrafa Célia Gouvêa e o diretor teatral e cenógrafo Maurice Vaneau (1926-2007) criaram o Grupo Teatro de Dança de São Paulo. O encontro destas formações distintas e complementares dos dois artistas levou aos palcos brasileiros obras divisórias para a dança no país e ajudou a consolidar o movimento paulista desta arte.

Com o Teatro de Dança, Célia e Vaneau apontaram um caminho para as artes cênicas, como observou Sábato Magaldi, respeitado crítico teatral e professor. Para Magaldi, “Caminhada” (1974) e “Allegro ma non Troppo” (1975), dois dos primeiros trabalhos apresentados em São Paulo, inovavam as artes ao surpreender pela plasticidade e pela contínua exploração de formas na cena – características que marcaram (e marcam) o percurso coreográfico de Célia, com maior ou menor intensidade.

Os dois companheiros, na vida e na obra, montaram ao lado das coreografias (em torno de 60!, entre trabalhos conjuntos e separados) um acervo rico, meticuloso e vibrante com registro do seu modo de pesquisar e de trabalhar, que percorre mais de 30 anos da cena da dança nacional. De fotos a desenhos de figurinos e cenários, de artigos de jornais a cartazes, de programas a pequenas observações, há uma série de documentos que permite entrever o empenho de fazer dança no Brasil em diferentes épocas.

O acervo ganha agora um importante projeto:

“Décadas de Dança: preservação e compartilhamento do acervo Gouvêa-Vaneau”

para sua digitalização e catalogação com o profissionalismo que uma obra deste porte merece. À moda do que já fazem algumas instituições com acervos literários no Brasil, a importância desta iniciativa ultrapassa a questão do resguardo da memória – o que não é pouco e só isso mereceria louvor, ainda mais quando o assunto é delicado e de pouca difusão no país. Ao criar um mecanismo de preservação, a obra e os artistas têm a chance de alcançar o público de outras formas. Neste sentido, é revitalizá-los, dar-lhes nova vida para que o público possa (re) conhecer e se confrontar com o que já foi feito ou pensado na dança no Brasil.

A parceria entre os dois artistas foi prolífera com trabalhos como “Isadora, Ventos e Vagas” (1978), assinado por ambos, “Trem Fantasma e Promenade” (1979), “Pernas para o Ar” (1981), “Gente Feliz”, “Sente-se ao Piano” e “Toque um Tango” (1983), “Assim Seja?” (1984), “Alhos e Bugalhos” (1985), “Pedra no Caminho” (1993), “Massa” (2006) todas de Célia Gouvêa. Por certo, o modo de criar não veio do nada. Célia Gouvêa foi da primeira turma do Mudra (Centro Europeu de Aperfeiçoamento e de Pesquisa dos Intérpretes do Espetáculo), escola belga liderada por Maurice Béjart (1927-2007), cuja proposta buscava o intérprete total, com as possibilidades expressivas do corpo, com linguagens interdisciplinares ou multidisciplinares. Vaneau, ator, diretor teatral, coreógrafo, figurinista, começou sua carreira do teatro na Bélgica. No Brasil, nos anos 1950, trabalhou no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e dirigiu uma geração de

* Texto inicialmente publicado como parte do projeto apresentado ao edital de Fomento à Dança “Décadas de Dança: preservação e compartilhamento do acervo Gouvêa-Vaneau”. Disponível em: <www.revistadedanca.com.br/criticas.php?id=26>.

grandes nomes brasileiros, entre eles Cacilda Becker, Walmor Chagas e Tônia Carrero. Os sedimentos dessas experiências não se endureceram ao longo dos anos, serviram, antes, como exercício de linguagens, espécie de ponto de partida (e de chegada) enriquecida sempre com o conhecimento. Eles sabiam onde pisavam, conheciam o meio e as múltiplas linguagens envolvidas nos espetáculos eram dominadas por ambos.

A compreensão do trabalho iniciado pelos dois e seguido por Célia passa por outra questão essencial, o compromisso com suas convicções: não houve modismo ou pesquisa passageira que tirasse sua clareza na concepção, sua habilidade de encenação, sua capacidade de realmente usar múltiplas linguagens.

Talvez não seja tão simples conceber isso em um tempo com a disponibilidade de pesquisa e formas de dança. Célia continua assim, o uso de toda linguagem na cena é essencial. Em outras palavras, há consciência dos caminhos escolhidos, nada é dispensável ou usado apenas como exibicionismo de linguagens.

Aqui entra outra função valiosa deste projeto, encontrar os arquivos pelo viés dos criadores, revendo seu desenvolvimento por dentro e, com isso, ajudando a compreender possíveis sentidos para a elaboração das obras, com os confrontos e decisões de todo processo. Ele, o acervo, devolve à cena o que cada coreografia pode ter de universal e particular e dialoga com a tradição cultural de seu tempo.

INQUIETAÇÕES

No meio da dança, há tempos se fala na inquietação artística de Célia Gouvêa. Sem dúvida, ela até hoje não se intimidou diante de temas ou de manifestações e não se acomodou em fórmulas certas em seu percurso; e, como artista, sempre se vê instigada por um novo desafio. Com seriedade, a questão da preservação ganha agora um projeto que envolve profissionais de áreas específicas, com vigor e dedicação, que muitas vezes escapam para quem olha de fora. Novamente, ela encabeça a lista de pioneira, pretende acomodar em sua casa seu acervo, com as condições de museu, para que o percurso não se perca. Como artista, ela deveria estar tranqüila nesta seara, se no país a história fosse merecedora de mais olhares. É um primeiro passo e todo início de marcha surpreende e enriquece. Depois, como já disse a poeta brasileira Cecília Meireles (1901-1964), a marcha se torna compreensível e “vai se fazendo como por si mesma, rápida e natural”.

Há ainda outro ponto que se sobressai neste belo acervo, o reconhecimento dos temas abordados. Desde o princípio, Célia e Vaneau trabalharam com temas “árduos”. Da poluição presente em “Allegro ma non Troppo” ao problema da alimentação no Brasil, tratado em “Massa”, o modo de pesquisa nos aponta como temas tão amplos, distintos e delicados podem ser costurados destacando os detalhes e a totalidade. Do figurino ao jogo de cena, tudo esteve a serviço de uma ideia. Célia e Vaneau são “leituras” fundamentais para decifrar a história da dança brasileira dos últimos 30 anos, que não é simples reprodução do passado, mas fornece subsídios para encontrarmos suas vozes no presente (e futuro).